

FILOSOFIA E PSICANÁLISE: O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E O CONCEITO DE FELICIDADE EM FREUD

[\[ver artigo online\]](#)

Avactê de Lunetta e Rodrigues Guerra¹

Ivone Antonia da Silva²

Resumo: Este trabalho aborda o conceito de felicidade em Freud levando em consideração o psiquismo humano e as questões referentes a civilização. Será apresentada uma breve biografia sobre Sigmund Freud elencando suas principais obras e contribuições à psicanálise, além de demonstrar como a felicidade é pensada e vivida na prática, apresentando as possibilidades e contradições de uma felicidade inalcançável. Será utilizada como parâmetro a obra *O bem-estar na civilização*, que auxiliará no entendimento acerca do tema proposto.

Palavras-chave: Freud. Felicidade. Psiquismo. Prazer. Desprazer

Abstract: This work approaches the concept of happiness in Freud taking into account the human psyche and issues related to civilization. A brief biography of Sigmund Freud will be presented, describing his main works and contributions to psychoanalysis, as well as demonstrating how happiness is thought and lived in practice, presenting the possibilities and contradictions of an unattainable happiness. The work *The well-being in civilization* will be used as a parameter which will help in the understanding of the proposed theme.

Keywords: Freud. Happiness. Psychism. Pleasure. Displeasure

1 Doutorando em Ciências da Educação (UNADES – PY), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB

2 Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC/PY, Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental -UTIC/PY.



1. INTRODUÇÃO

Em 1930, Sigmund Freud escreveu *O Mal-estar na Civilização* e expôs sua teoria: “a civilização é um problema e nos deixa infelizes” (FREUD, 1930). Freud achava que os humanos eram criaturas agressivas por natureza, que nos deleitamos em exercer nossa agressão e ferir uns aos outros. Ele afirmou que a civilização, com suas leis e costumes, nos impede de agir com essa agressividade.

Assim, o argumento principal do livro gira em torno de um paradoxo. O paradoxo é este: a civilização, que criamos para garantir nossa felicidade – acontece que a mesma civilização é a fonte de nossa maior miséria. Então, nós somos nossos próprios piores inimigos.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conceito de felicidade em Freud, descrevendo como a psicanálise a define como impraticável, na óptica psíquica e cultural.

2. METODOLOGIA

Quanto à natureza, esta pesquisa se trata de um trabalho bibliográfico, pois não aborda nenhum estudo de caso em particular, objetivando enriquecer o conhecimento científico acerca do tema tratado.

Para Filho (2002, p. 101), o pesquisador pode ter como objetivo maior desenvolver novas teorias, criar modelos teóricos ou estabelecer novas hipóteses de trabalho nos vários campos do saber humano, quer por dedução, quer por indução, quer por analogia. Esse trabalho não tem por objetivo uma utilização prática dos resultados, mas sim o enriquecimento do conhecimento científico e define-se como uma pesquisa teórica. É importante salientar que o embasamento teórico é de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa e avanço em qualquer área científica.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2003, p. 41), “têm como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”

Foi utilizada a pesquisa qualitativa como abordagem, que pode ser caracterizada pela inexistência de dados quantitativos nas suas análises. Segundo Beuren (2008, p. 92), “na pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último.”

Também foi utilizada a pesquisa documental, que é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. Em relação aos procedimentos técnicos, esta pesquisa adotou dados bibliográficos e a análise documental, uma vez que o trabalho foi elaborado a partir de material já publicado, constituído, principalmente, de livros, pareceres, artigos, periódicos e material disponibilizado via internet.

A pesquisa bibliográfica consiste na primeira etapa de todo o trabalho científico ou acadêmico, com o propósito de coletar as informações e os dados que servirão de apoio para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema. Pesquisas documentais são caracterizadas através do uso de documentos oficiais ou documentos pessoais, que podem servir como fonte de informação.

A pesquisa representa um estudo bibliográfico³, pois está ancorada em levantamentos científicos acerca do tema proposto já concretizados, referenciando com o que nos informa Gil (2002).

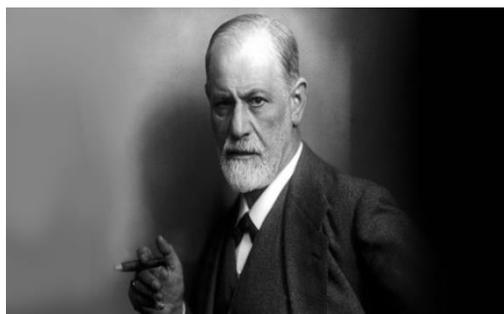
3. REFERENCIAL TEÓRICO

Sigmund Freud foi um médico psiquiatra e do ramo da neurologia, no entanto, seu maior legado foi ter sido o criador da psicanálise, chamada por muitos de teoria freudiana. Nasceu em Freiberg in Mähren no ano de 1856, tendo falecido em Londres em 23 de setembro de 1939. Todavia, morou a maior parte da sua vida na capital da Áustria, Viena, sendo responsável por diversas contribuições nos campos da medicina, filosofia, psicanálise, entre outras, e considerado um dos maiores pesquisadores de todos os tempos.

Freud sempre se destacou, desde criança, com excelentes notas no colégio, além de aprender muito rápido outros idiomas por conta própria e ler livros considerados profundos para sua idade. Na época com 12 anos, já lia William Shakespeare e dava seus primeiros passos rumo aos escritos.

Figura 1 – Sigmund Freud

3 A pesquisa bibliográfica é considerada uma leitura de fundo e reflexão baseada em literaturas essenciais para o desenvolvimento e elaboração de hipóteses de pesquisa. Serve como uma fonte condensada para que os leitores saibam quais obras foram consultadas e também permite uma lista para leitura posterior. A pesquisa bibliográfica envolve a especificação de cada trabalho referido, na montagem ou preparação de uma peça de pesquisa (paper ou artigo, nota etc). É uma forma particular de revisão sistemática da literatura, portanto, o processo de busca na literatura deve ser transparente e reproduzível. É necessário um relato detalhado da estratégia de busca, que inclui uma descrição dos bancos de dados usados, os termos de busca e os critérios de inclusão / exclusão.



Fonte: Jornal USP⁴

Ingressou na Universidade de Viena em 1873, no curso de Medicina, iniciando seus trabalhos na área médica em 1881 em Viena. Casou-se aos 30 anos com Martha Bernays e teve seis filhos. Com a chegada dos nazistas à Áustria em 1938, Freud e sua família foram obrigados a fugir para a Inglaterra, onde algumas das suas irmãs vieram a falecer nos campos de concentração. Sigmund Freud faleceu em 1939 na sua residência em Londres, após seu médico aplicar-lhe medicamentos contra a dor.

Tabela 1 – Obras de Freud

Obra	Ano
<i>A Interpretação dos Sonhos, primeira parte</i>	1900
<i>A Interpretação dos Sonhos, segunda parte</i>	1900
<i>Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana</i>	1901
<i>Um caso de histeria</i>	1901
<i>Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade</i>	1905
<i>Os chistes e sua relação com o inconsciente</i>	1905
<i>Cinco lições de psicanálise</i>	1910
<i>Cinco lições de psicanálise</i>	1910
<i>O caso Schreber</i>	1911
<i>Totem e tabu, alguns Pontos de Concordância Entre a Vida mental dos Selvagens e dos Neuróticos</i>	1913
<i>Além do princípio do prazer</i>	1920
<i>O ego e o ID</i>	1923
<i>O Futuro de uma Ilusão</i>	1927
<i>O Mal-estar na Civilização</i>	1930
<i>Esboço de psicanálise</i>	1940

Fonte: Adaptação dos autores

4 <https://jornal.usp.br/cultura/livro-mostra-a-Atualidade-das-ideias-de-freud/>

Conforme observado no quadro 1, no ano de 1930 Sigmund Freud escreve a obra denominada “*O Mal-estar na Civilização*”, contribuindo de forma significativa para construção do tema, desenvolvendo reflexões acerca das exigências colocadas pela civilização. Assim, Freud estabelece um conceito peculiar de felicidade, inserindo a temática em conjunto com o psiquismo e a civilização, questionando se é possível a conquista da felicidade.

3.1 As teorias freudianas dos instintos de vida e de morte

A teoria das pulsões de vida e morte de Sigmund Freud evoluiu ao longo de sua vida e carreira. Inicialmente, ele descreveu uma classe de impulsos conhecidos como instintos de vida, que ele acreditava serem responsáveis por grande parte do nosso comportamento.

Eventualmente, no entanto, Freud passou a acreditar que os instintos de vida por si só não poderiam explicar todo o comportamento humano. Com a publicação de seu livro “*Além do Princípio do Prazer*” em 1920, Freud concluiu que todos os instintos se enquadram em uma de duas classes principais: pulsões de vida e pulsões de morte, mais tarde sendo chamadas de Eros e Thanatos por outros psicólogos.

As vezes referido como instintos sexuais, o impulso de vida lida com sobrevivência, prazer e reprodução básicos. Enquanto tendemos a pensar nos instintos de vida em termos de procriação sexual, esses impulsos também incluem instintos como sede, fome e evitação da dor. A energia criada pela pulsão de vida é conhecida como libido.

No início da teoria psicanalítica, Freud propôs que a pulsão de vida era combatida pelas forças do ego, a parte organizada e orientada pela lógica da psique de uma pessoa que media os desejos. Mais tarde, ele sustentou que a pulsão de vida ou Eros se opunha a um instinto de morte autodestrutivo, posteriormente conhecido como Thanatos.

A pulsão de vida está voltada para a preservação da vida, tanto do indivíduo quanto da espécie. Esse impulso leva as pessoas a se engajarem em ações que sustentam suas próprias vidas, como cuidar de sua saúde e segurança, e também se exerce através de impulsos sexuais, motivando as pessoas a criarem e nutrirem uma nova vida.

Freud introduziu pela primeira vez o conceito de pulsão de morte em seu ensaio “*Além do princípio do prazer*”. Ele teorizou que os humanos são levados à morte e à destruição, declarando que “o objetivo de toda a vida é a morte” (FREUD, 1920).

Freud acreditava que as pessoas normalmente canalizam essa pulsão de morte para fora, que se manifesta como agressão aos outros. As pessoas também podem direcionar esse impulso para dentro, o que pode resultar em automutilação ou suicídio.

O filósofo baseou essa teoria em observações clínicas, percebendo que as pessoas que vivenciam um evento traumático muitas vezes o recriam ou revisitam. Por exemplo, ele observou que os soldados que voltavam da Primeira Guerra Mundial tendiam a visitar suas experiências traumáticas em sonhos que repetidamente os levavam de volta ao combate.

A partir dessas observações, ele concluiu que as pessoas têm um desejo inconsciente de morrer, mas que os instintos de vida em grande parte moderam esse desejo. Na visão de Freud, a compulsão de repetir era “algo que parecia mais primitivo, mais elementar, mais instintivo do que o princípio do prazer que ele anula”. Assim, Thanatos está em contraste com o desejo de sobreviver, procriar e satisfazer desejos.

3.2 Freud e o conceito de felicidade

Para Freud os seres humanos tentam de todas as formas alcançar e preservar um estado pleno de felicidade. Ele afirma que existem dois pontos, um positivo e outro negativo: os homens querem uma ausência de dor e sofrimento; e buscam intensos sentimentos de prazer. Freud afirma que “O que em sentido absoluto chama-se felicidade equivale a uma satisfação momentânea de necessidades retidas com alto grau de êxtase e, por sua própria natureza, apenas é possível de forma episódica”. O tempo, neste sentido, é uma barreira fundamental pois:

Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição (FREUD, 1930, p. 21).

O conceito de felicidade estabelecido por Freud remete em uma realização chamada de “princípio do prazer”, definido por uma forma de organização que domina o psiquismo desde o princípio da vida, conduzindo a busca pelo prazer e prevenção de sofrimentos.

[...] seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação” (FREUD, 1930, p. 21).

Freud estabelece a necessidade de início do princípio do prazer, em que manter uma condição de prazer constante sem infelicidade seria algo impraticável. Além dos problemas existentes no mundo exterior, que impedem a satisfação plena, têm as questões psíquicas, como a necessidade da infelicidade e desprazer anterior ao prazer, para que este seja sentido e vivenciado.

Em se tratando de infelicidade, Freud afirma que a probabilidade de a vivenciar é bem maior, pois ela origina-se do corpo, do mundo exterior e das convivências humanas. Sendo assim, as pessoas consideram-se felizes apenas por não estarem em uma condição de sofrimento. Ele mostra algumas formas que proporcionam aos indivíduos certos prazeres, evitando assim o sofrimento. Porém, deixa claro que mesmo assim é impossível obter a felicidade plena, por estar em um estado zero de tensão, o que chama de “felicidade efêmera”.

3.3 Prazer e desprazer

Determinar os conceitos de prazer e desprazer é imprescindível para compreender a concepção de felicidade. Na sua obra “*Além do princípio do prazer*”⁵, Freud estabelece que o psiquismo é movido pelo princípio de prazer, com o objetivo de evitar o sofrimento. De acordo com Freud, “[...] sempre que uma tensão se acumula ela atrai processos psíquicos que geram determinadas consequências. Com a diminuição das tensões, o incômodo termina produzindo o prazer” (FREUD, 1920).⁶

Pode tratar-se da percepção de uma pressão interna [Andrängens] – causada por pulsões insatisfeitas – ou da percepção de elementos oriundos do mundo externo – que, ou são desagradáveis em si, ou desencadeiam expectativas desprazerosas no aparelho psíquico e são reconhecidas por ele como “perigo” (FREUD, 1930, p. 138).

5 Nessa obra, examinando o papel e a potencial prevalência da compulsão à repetição no princípio de prazer, Freud descreve a ideia da oposição de Eros (instinto de vida) e Thanatos (impulso de morte), que estaria presente em todas as pessoas. Tal reflexão é formulada em um de seus “textos genéticos”, isto é, trabalhos em que novas ideias vão sendo abordadas. Com esta nova teoria do aparelho psíquico, Freud amplia os limites da psicanálise, abrindo um novo campo de reflexão para o conhecimento humano. Pela primeira vez se postulava no psiquismo uma tendência destrutiva. Com a ideia de pulsão ou impulso de morte, revolucionavam-se os alicerces da psicologia profunda. Assim, Freud reflete sobre a natureza da própria reflexão psicanalítica, num texto que revela todo o seu gênio criativo.

6 FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920). v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, p. 135.

Diante de tal percepção surgem duas questões relevantes, o que significa “prazer” e “desprazer”? Freud, em seu livro, elenca a dificuldade em estabelecer os conceitos para ambas pela dificuldade em penetrar em certos aspectos da vida psíquica, preferindo adotar hipóteses:

Assim, uma vez que é impossível evitar travar contato com esses fenômenos, parece-me que o melhor a fazer é enfrentá-los adotando uma hipótese menos rígida possível. Em psicanálise relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa –, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. (FREUD, 1930, p. 135-136).

Freud une as concepções de prazer e desprazer com a quantidade de estímulos dentro do aparelho psíquico, se o aumento da tensão equivale ao desprazer, a diminuição diz respeito ao prazer, ambos movidos pela consciência. O sofrimento seria uma espécie de consequência da vida, mantida por Eros sempre que a pulsão produz estímulos, atuando de forma oposta à tendência original do organismo, de modo que o sofrimento ao ser aniquilado proporcionaria satisfação e prazer ao ser humano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram abordadas concepções sobre o conceito de felicidade na obra de Sigmund Freud. Foi utilizado como principal parâmetro o livro *“O mal-estar na civilização”*. Freud estabelece que a felicidade seria uma tentativa baseada no princípio do prazer, ao mesmo tempo que o ser humano busca a eliminação e ausência do desprazer.

De acordo com o tema abordado por Freud é possível concluir que a felicidade possui diversos pontos de vista, cultural, satisfação, desvio e domínio pulsional. Desse modo, os homens possuem limitações para atingir a felicidade, proporcionando sofrimento ao homem, por se sentir impossibilitado de ser feliz, com dores, decepções e contrariedades. Freud, então, coloca a psicanálise como ferramenta fundamental para esclarecer como viver com um certo “bem-estar”, transformando o sofrimento em uma desventura habitual, adquirindo consciência sobre as possíveis sensações a serem alcançadas pelos seres humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (Vol. XVIII). obras completas de Sigmund, IMAGO, RIO DE JANEIRO, 1996.**

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930).** Cienbook, 2020.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

MANNONI, Octave; BORGES, Maria Luiza X. de A. Freud. In: **Freud: uma biografia ilustrada.** 1994. p. 190-190.

RAUPP, Fabiano M.; BEUREN, Ilse M. Metodologia aplicável às ciências sociais. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática,** v. 3, 2008.

SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. **Metodologia científica.** 2012.